**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Domingo 6 - de Ramos na Paixão)*



**«COMO CANAS AGITADAS PELO VENTO»**

Vejam só estes dois textos da *Palavra* de hoje. E digamos, por adiantado, que a maior parte dos “atores protagonistas” (ainda que muitos deles “passivos”) são os mesmos nos dois acontecimentos. O primeiro texto é este: *“…Numerosa multidão estendia as capas no caminho; outros cortavam ramos de árvores e espalhavam-nos pelo chão. E, tanto as multidões que vinham à frente de Jesus como as que O seguiam, diziam em altos brados: «Hossana ao Filho de David! Bendito O que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!»…” (Mt 21 / da Leitura Evangélica para a Procissão dos Ramos)*. E parece que este acontecimento sucedeu muito poucos dias antes deste outro, que descreve o mesmo evangelista Mateus: *“…Entretanto, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram a multidão a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus… Disse-lhes Pilatos: «E que hei de fazer de Jesus, chamado Cristo?»… Responderam todos: «Seja crucificado». Pilatos insistiu: «Que mal fez Ele?». Mas eles gritavam cada vez mais: «Seja crucificado»… E todo o povo respondeu: «O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos»”...(Mt 26-27 / 3ª L.- Leitura da Paixão).*

Podemos então concluir que, muitos dos que primeiro *“diziam em altos brados: «Hossana nas alturas!»”*, esses mesmos, volvidos só alguns dias, *“gritavam cada vez mais «Seja crucificado!»”*. E não é isto ser *“como uma cana a mercê dos ventos”*? Dos *ventos* do prazer e da paixão do momento?... Queira Deus que nós não sejamos dessa classe de seguidores de Jesus, o Filho de Deus; seguidores ou partidários que o povo já batizou como “vira-casacas”.

Mas quantas vezes – temos de o reconhecer se formos sinceros e verdadeiros – quantas vezes, no nosso pensar e agir, comportamo-nos assim, “como canas agitadas pelo vento”! E é evidente que estes não são os seguidores e discípulos que Jesus quer. Por isso é que Ele tinha dito, em certa altura, *“aquilo da cana”* (cf. Mt 11, 7).

Os seguidores e discípulos de Jesus tem que estar dispostos e decididos a seguir Jesus também pelo caminho da Cruz, até porque é o único que leva à Ressurreição e à Vida. O seguidor verdadeiro de Jesus deve começar por *“ter os seus ouvidos bem despertos, para escutar, como escutam os discípulos”...* E será o próprio *“Senhor Deus que lhe abrirá os ouvidos para ele não ceder nem recuar um passo… E para receber do mesmo Senhor a graça de falar como um discípulo, para que saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos”... (Is 50 / 1ª L.).*

Mas isto, para todo o seguidor de Cristo (todo o *cristão*), é só o início. Sim, porque o *caminho* de Jesus deve continuar em direção ao cimo do *monte da Cruz*, porém, seguindo uma trajetória paradoxalmente *descendente* (na linguagem de Paulo aos Filipenses). E o discípulo atento poderá identificar essas diversas etapas *degradantes* (porque também são “degraus”!). Primeiro, já *“como homem, assume a condição de servo”*; segundo, *“humilha-se ainda mais”*; depois, *“obedece até à morte”*; e, finalmente, aceita *“uma morte de cruz”… (Fl 2).*

Claro que isto não pode acabar assim nem ficar por aqui, quanto mais não seja «por exigência do guião»! É que, uma vez atravessada – do modo “descendente” que vimos – a sua existência *espácio-temporal* – lembram-se? – a morte é absorvida pela Vida, tal como a matéria pelo Espírito. Pelo que se produz um impulso de reação *ascendente*, muito para além da Ressurreição: *“Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai”. (Fl 2 / 2ª L.).*

«Meu Deus, meu Deus», gritamos muitas vezes.

E no entanto, Senhor, Tu sabes muito bem

que somos nós a causa principal

dos nossos lamentos e aflições.

Gostamos de ir ao sabor do vento,

deixando-nos levar das modas da ocasião,

de prazeres inconfessáveis ou nefastos,

de raivas ou fúrias estéreis…

Agora apostamos na sinceridade,

logo viramos para a mentira;

hoje confirmamos um a fiel amizade,

amanhã jogamos uma traição sem sentido…

E então, afinal, vêm sempre as lamúrias:

«Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?».

Sobretudo quando a gente de perto

faz troça do meu mal merecido:

«Confiou no Senhor, Ele que o livre,

Ele que o salve, se é seu amigo».

Mas Tu, Senhor, não Te afastes de mim,

és a minha força, apressa-Te a socorrer-me.

Eu prometo seguir mais de perto a Teu Filho Jesus

e falar do Teu nome aos meus irmãos...

[ do Salmo Responsorial / 21 (22) ]